

---

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA PRIMEIRA  
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DA  
PARAÍBA (1951-1972)**

**BILROS v. 13, n. 27, ago – dez, 2025**

**Aline Maria Batista Machado**

Doutora em Educação, docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais (Gepedupss/PPGE), PPGSS, UFPB. E-mail: prof.alinemachado23@yahoo.com.br

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA PRIMEIRA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DA  
PARAÍBA (1951-1972)**

**HISTORY AND MEMORY OF THE FIRST SCHOOL OF SOCIAL SERVICE IN  
PARAÍBA (1951-1972)**

**Aline Maria Batista Machado**

**RESUMO**

O objetivo do estudo é resgatar a história e memória da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba (ESS/PB). Metodologicamente é uma pesquisa documental, bibliográfica e qualitativa. Principal fonte, o acervo do CCHLA/UFPB. Após dez meses de investigação no arquivo, a equipe fez o levantamento, a identificação, a organização e a tipificação de 4.172 documentos. Desse montante, realizou-se uma triagem e 383 documentos foram selecionados para pesquisa e escaneados, variando entre 72 tipos diferentes. Em três anos de investigação (2022-2025) foi feita a digitalização, a sistematização e a categorização temática dos documentos selecionados. Devido à grande quantidade, as fontes coletadas e digitalizadas foram sistematizadas em 04 grandes Eixos Temáticos, divididos em 43 pastas com temas específicos: (Eixo 01/Escola de Serviço Social, Eixo 02/Incorporação da ESS à UFPB, Eixo 03/Universidade Federal da Paraíba/UFPB e Eixo 04/Temas Transversais), que se encontram organizados em um drive do grupo de pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola de Serviço Social da Paraíba. História. Memória.

**ABSTRACT**

The objective of this study is to recover the history and memory of the first School of Social Work of Paraíba (ESS/PB). Methodologically, this is documentary, bibliographical, and field research. The primary source is the CCHLA/UFPB collection. After ten months of research in the archive, the team surveyed, identified, organized, and classified 4,172 documents. Of this total, a screening process was performed, and 383 documents, ranging from 72 different types, were selected for research and scanned. Over three years of research (2022–2025), the selected documents were digitized, systematized, and thematically categorized. Due to the large quantity, the collected and digitized sources were systematized into 4 major Thematic Axes, divided into 43 folders with specific themes: (Axis 1/School of Social Service, Axis 2/Incorporation of ESS into UFPB, Axis 3/Federal University of Paraíba/UFPB and Axis 4/Cross-Cutting Themes), which are organized in a research group drive.

**KEY WORDS:** First School of Social Work in Paraíba. History. Memory.

## INTRODUÇÃO

A história do curso de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB não pode ser contada desconsiderando as suas raízes, visto que estas estão entrelaçadas a criação da primeira Escola de Serviço Social no estado da Paraíba, uma escola privada, de origem católica, que funcionou durante 21 anos (1951-1972), mas, ao fechar as portas, devido ao processo de laicização daquele contexto político nacional desenvolvimentista, não deixou de contribuir com o surgimento do curso laico e público na UFPB. Diante disso, este texto visa apresentar os resultados de uma pesquisa de iniciação científica que tem como objetivo geral: resgatar a história e memória da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba (ESS/PB) até o processo de implantação do curso de graduação em Serviço Social na UFPB.

Desde o ano de 2022 a pesquisa é financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mantida anualmente por meio de duas bolsas/Pibic e desenvolvida por estudantes de graduação do curso de Serviço Social.

A ideia de estudar essa temática advém do fato de 2021 ter sido o aniversário de 70 anos do surgimento do Curso de Serviço Social no estado da Paraíba e o ano de 2022 o aniversário de 50 anos do início da primeira turma desse curso na UFPB. Esse duplo aniversário foi explicado no Documentário “OS 60 ANOS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL NA PARAÍBA”, disponível no Youtube, do qual esta autora foi comissão organizadora juntamente com mais três docentes do Departamento de Serviço Social da UFPB.

No ano de 2022, em diálogo com o então vice-diretor do CCHLA, professor Marcelo Siticovisk, para realização atividade comemorativa por ocasião desse duplo aniversário do curso (70 anos no estado e 50 na UFPB), o mesmo informou que na direção do Centro havia um acervo (que ele supunha ser cerca de 05 caixas de documentos) que tratavam do processo de implantação do Curso de Serviço Social na universidade, mas sem catalogação e nenhum estudo, o que gerou a criação desta pesquisa. Inicialmente sob o título de: **SERVIÇO SOCIAL, HISTÓRIA E MEMÓRIAS: um estudo acerca do processo de implantação do Curso de Serviço Social na UFPB na década de 1970**, mas, devido à grande quantidade de documentação, houve a necessidade de ampliação do tema e do recorte temporal. Daí agora ser denominada: **SERVIÇO SOCIAL, HISTÓRIA E MEMÓRIA: da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba ao processo de implantação do Curso de Serviço Social na UFPB (1951-1972)**.

E isso ocorreu porque com a chegada no arquivo do CCHLA/UFPB constatou-se mais que o esperado, 41 caixas com documentos e não 5 como se achava. No acervo, as caixas estavam identificadas com etiquetas externas informando que tipo de documentos elas continham. Diante disso, a partir de setembro de 2022, a equipe (que conta com seis pesquisadores: uma docente, dois bolsistas pibics/CNPq, uma ex-bolsista pibic/CNPq e duas alunas voluntárias), realizou uma triagem e, das 41 caixas, selecionou as 12 que interessavam, pois, conforme as etiquetas de identificação, se tratava de memorandos, atas, ofícios, telegramas e documentos históricos diversos. Excluiu-se 29 caixas que armazenavam, sobretudo, diários de disciplinas da antiga Escola de Serviço Social da Paraíba. Das 12 caixas ainda foram eliminadas mais 05, pois traziam trabalhos de alunas desistentes do curso, o que fugia do foco da investigação, ficando com 07.

Vale ressaltar, que, com dez meses de investigação, e perto de concluir a finalização das atividades no Arquivo Setorial do CCHLA, surgem mais 02 caixas trazendo documentos históricos, a exemplo do Estatuto da UFPB de 1969. Essas caixas haviam sido retiradas do arquivo e se encontravam guardadas em um dos ambientes dos professores do Curso de Serviço Social, até que prof. Wécio Pinheiro identificou que tais caixas já estavam lá havia algum tempo e não sabiam ao certo quem as teria levado para lá, possivelmente docentes já aposentadas. Ocorre que essas 02 caixas somadas as 07 do arquivo, resultou um total de 09 caixas de documentos analisadas e digitalizados.

Após um ano, o grupo de pesquisa concluiu o levantamento, a identificação, a organização e a tipificação de 4.172 documentos. Com mais dois anos realizou a digitalização, catalogação, sistematização e categorização temática dos 383 que interessavam ao estudo. Foi possível verificar que, pela natureza dos documentos, era um campo vasto e inexplorado, e de uma importância histórica significativa para o Serviço Social do estado. Os documentos encontrados, muitos até bem deteriorados, contam a história da primeira Escola de Serviço Social na Paraíba – ESS/PB até sua extinção, e a abertura do curso na UFPB.

Destaca-se, ainda, que a investigação acabou estimulando o Departamento de Serviço Social da UFPB a comemorar os 73 anos da referida Escola nos dias 12 e 13 de agosto de 2024. O evento mobilizou toda a comunidade acadêmica e contou com a inscrição de 266 participantes, além de apresentar mesas de debates, menção honrosa à algumas professoras e técnicas administrativas aposentadas. Atualmente a instituição programa-se para comemorar os 75 anos em 2026.

Outros frutos da pesquisa foram dois Trabalhos de Conclusão de Curso defendidos em outubro de 2025: um intitulado “O movimento estudantil na primeira Escola de Serviço Social da Paraíba (1951-1972)”, de autoria de Lucas Lucena Barbosa Montenegro, e o outro feito em dupla, denominado “Ecos do passado: o estágio supervisionado em Serviço Social na primeira Escola de Serviço Social da Paraíba (1951 - 1972)”, de Sílvia Larissa da Silva Guedes e Rhadja Queiroz Cordeiro. Todos estudantes que faziam parte da pesquisa como bolsistas ou voluntários.

Neste sentido, o presente estudo tem se mostrado relevante sobretudo por dois motivos: primeiro porque busca auxiliar na compreensão da trajetória e desenvolvimento do curso de Serviço Social na Paraíba, caracterizando as bases culturais e ideológicas da sociedade em que o mesmo se desenvolveu e como isso afetou a formação profissional. E, segundo, pelo fato de trazer a luz sujeitos sociais não mencionados ou esquecidos no decorrer da história, que, de alguma forma, contribuíram para a construção do curso que existe hoje na UFPB.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Metodologicamente é uma pesquisa documental e bibliográfica, de cunho exploratória e de abordagem qualitativa. Conforme Gil (2006), as pesquisas bibliográfica e documental trabalham com materiais já elaborados. A primeira se debruça sobre a investigação de livros e artigos científicos e a segunda sobre materiais que não receberam nenhum tratamento analítico, o que muda entre as duas são as fontes.

Assim sendo, a equipe fez um levantamento bibliográfico para fundamentar e contextualizar o período histórico em que o Curso de Serviço Social se agrega a Universidade Federal da Paraíba, usou o Documentário “OS 60 ANOS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL NA PARAÍBA (1952-2012)”, como fonte de pesquisa. E recorreu a Samara e Tupy (2007) para pensar como trabalhar com os documentos investigados, haja vista indicarem que o contato com a fonte deve suscitar, de imediato, algumas questões essenciais para uma primeira aproximação de pesquisa: “[...] qual forma material que o mesmo apresenta; qual conteúdo que disponibiliza para pesquisa; e quais objetivos ou propósitos de quem o elaborou” (Samara; Tupy, 2007, p. 70).

Também foi usado como fontes de pesquisa duas produções que se aproximam da temática: a dissertação de mestrado em Serviço Social, defendido em 1994, no PPGSS/UFPB,

por Márcia Carlos de Souza Peixoto, com o título: “A relação entre ideologias e a formação do assistente social: um estudo de caso em João Pessoa”, sob a orientação da professora Dra. Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida. E a tese de doutorado em Sociologia, defendida em 2002, no PPGS/UFPB, pela professora Giacomina Magliano de Moraes, intitulada: “Caridade e militância: o percurso de assistentes sociais que fizeram história”, sob orientação da professora Dra. Neide Miele.

Na fase da análise e organização dos dados tomou-se por base a técnica análise de conteúdo porque, de acordo com Bardin (1977, p. 42),

[...] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (...) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

Para a autora, ao utilizar procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, o interesse da análise de conteúdo reside no que esses conteúdos poderão ensinar após serem tratados. Mesmo porque, “por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar” (Ibidem, p. 14). Ela explica que as diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Assim, na fase da pré-análise realizou-se a leitura flutuante dos documentos, o que permitiu as primeiras impressões. Em seguida, na fase da exploração do material realizou-se a caracterização dos sujeitos identificados nos documentos, seguido da categorização dos conteúdos das mensagens. A categorização dos conteúdos das mensagens foi realizada por meio da “categorização semântica” (Bardin, 1977), a qual consiste em agrupar os conteúdos das mensagens por categorias temáticas. Neste sentido, no processo de categorização empregou-se o procedimento por milha, cujo “sistema de categorias não é fornecido, antes resultando da classificação analógica e progressiva dos elementos. (...). O título conceitual de cada categoria, somente é definido no final da operação” (Ibidem, p. 119). Em outras palavras, a partir desse procedimento as categorias temáticas não são pré-estabelecidas, emergem dos significados hegemônicos do contexto ou do agrupamento de conteúdos afins.

Além disso, como a forma de abordagem é qualitativa, as categorias não surgiram por causa da frequência de aparição nas mensagens, como é o caso da abordagem quantitativa, ao

contrário, independem da frequência, surgiram devido à presença nas mensagens e dada a importância que possuem para o tema abordado. Por fim, nos fundamentamos na teoria crítica do Materialismo Histórico e Dialético.

O método que norteia este estudo, o dialético marxista, surge inspirado na forma como Karl Marx analisou as contradições do sistema capitalista, buscando nas formações socioeconômicas e nas relações de produção os fundamentos verdadeiros da sociedade. Por considerar o capitalismo reprodutor de relações sociais injustas, Marx concebeu a filosofia “não como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação” (Vázquez, 1977, p. 5). Sua forma de interpretar a realidade dá origem ao materialismo histórico-dialético (matriz teórico-metodológica vulgarmente conhecida como marxismo) e, por conseguinte, ao método dialético. Sobre este método explica Marx (1983, p. 20):

Meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de ideia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem.

Embora esse pensador tenha sido discípulo de Hegel – que concebia a realidade como uma projeção da ideia – se opôs ao aspecto mistificador da dialética hegeliana, promovendo uma nova inversão metodológica, a qual estabeleceu que não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência (primazia da matéria sobre a ideia). Conforme Boron (2007, p. 40-42), o método dialético

[...] propõe reproduzir, no plano do intelecto, o desenvolvimento que tem lugar no processo histórico. Coube a Hegel o mérito de ter descoberto as formas gerais de movimento da dialética. Só que ao plasmar suas descobertas, o que fez foi cristalizar uma visão mistificada e fetichizada da dialética. Recuperada sua “figura racional”, como dizia Marx, a dialética deixa de ser um inofensivo recurso retórico para tornar-se “escândalo e abominação para a burguesia”, e isso por muitas fundadas razões: porque sustenta que o conflito social é onipresente (...), porque a lógica na história não é de identidade senão de contradição (...) [e] porque, ao consagrar a provisoriedade e historicidade de todo o existente, é socialmente corrosiva e radical.

Ao sustentar que “o conflito social é onipresente” o método dialético aponta que o movimento histórico-social não ocorre alheio aos conflitos sociais, ou seja, não ocorre ocasionalmente, independente das ações do homem; ao assinalar que “a lógica na história não é de identidade senão de contradição” indica que o processo histórico não segue um percurso linear, evolucionista e imutável, ao contrário, são as contradições, os conflitos e as revoluções

sociais que impulsionam seu movimento; e ao “consagrar a provisoriedade e historicidade de todo o existente” assinala as possibilidades de processos de transformação no contexto da totalidade social.

Boron (2007) destaca três aportes fundamentais do pensamento de Marx ao estudo da sociedade, os quais são centrais para viabilidade do método dialético: o primeiro reside na importância decisiva que esse pensador deu ao estudo da totalidade social, o segundo diz respeito à construção teórica que recupera a complexidade e historicidade do social e o terceiro é a relação entre teoria e *práxis*.

A totalidade social se contrapõe à esterilidade das visões fragmentadoras e reificadoras das relações sociais características do pensamento burguês. Diante da ausência de contradições esta totalidade é, conforme Montenegro (1993), vazia e inerte e, estas, as contradições, fora da totalidade são formais e arbitrarias. De acordo com Löwy (1992, p. 16), o princípio da totalidade como categoria metodológica não significa um estudo da totalidade da realidade, visto que ela é infinita e, portanto, inesgotável. Significa, então, “a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma dimensão, sem perder a sua relação com o conjunto”.

Já historicidade é um dos requisitos lógicos fundamentais de uma interpretação crítica. O contraponto passado e presente é essencial para explicar ou compreender o movimento da realidade social, cujas “configurações estáveis, normais, estáticas, sincrônicas representam momentos, sistemas, estruturas da mudança, dinâmica, modificação, transformação, historicidade, devir” (Ianni, 1990, p. 94). Trata-se de levar em conta as conexões históricas, em uma relação dialética que permite uma melhor compreensão da sociedade em que vivemos. Decerto podemos argumentar que precisamente aí está uma das limitações de parte das teorias sociológicas e educacionais contemporâneas, que captam o que o autor denomina de momento do real, ao invés de captarem o movimento do real.

E a relação entre teoria e *práxis* é fundamental porque a ação é condição do conhecimento e vice-versa. Ao se reportar a relação entre teoria (enquanto busca da verdade) e *práxis* (enquanto prática política) Boron (2007, p. 49) aponta a deserção dos intelectuais do campo da crítica e da revolução e explica que

Marx não estava interessado em desvendar os mais recônditos segredos do regime capitalista por mera curiosidade intelectual, mas sim sentia-se urgido pela necessidade de transcendê-lo, dada a radical impossibilidade de construir, dentro de suas estruturas, um mundo mais justo, humano e sustentável.



Nessa perspectiva, o método dialético orienta não só a considerar a hegemonia da matéria sobre a ideia como a compreender o mundo para além da simples aparência, como um conjunto de processos em que a realidade social é vista como um fenômeno em movimento no contexto da totalidade social. Ademais, sugere que é sobretudo a partir da história que se percebe as contradições da realidade social e as possibilidades de superação dessas contradições, que ocorre por meio da ação concreta do sujeito social, isto é, da *práxis*. Concreto que, para Marx (1978), é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações.

O esquema reproduzido por esse método e difundido desde Hegel apresenta-se, conforme Fourez (1995), da seguinte forma: primeiro se afirma uma tese, isto é, a maneira pela qual a realidade se apresenta, depois, apresenta-se uma antítese, a negação da tese, negação que é aprovada pela aparição de outros pontos de vista, surgidos com base no exame crítico que se fez, e, enfim, apresenta-se uma síntese, que é uma nova maneira de ver, resultante do processo crítico. A síntese não é, porém, uma visão incontestável das coisas “é simplesmente uma nova maneira de ver, resultado da investigação” (Fourez, 1995, p. 35). Como assinala Frigotto (2006, p. 89), “a síntese resulta de uma elaboração. É a exposição orgânica, coerente, concisa das ‘múltiplas determinações’ que explicam a problemática investigada”. Diz, ainda, que na síntese podemos discutir as implicações para a ação concreta, a *práxis*.

Pensar dialeticamente é, portanto, ir “de encontro ao senso comum vulgar, o qual é dogmático, ávido de certezas peremptórias” (Gramsci, 1975, p. 1425).

Do ponto de vista da forma de abordagem esta pesquisa é qualitativa porque não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade e sim no critério de que os dados recolhidos devem ser “ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais, conversas (...). As questões (...) são formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural”. (Bodgan e Biklen, 1994, p.16). Para estes autores, as características principais da investigação qualitativa são: a) A fonte de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; b) É descritiva (os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números); c) Seus investigadores interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; d) Seus investigadores tendem a analisar seus dados de forma indutiva; e) E o significado é de importância vital. Segundo Lüdke e André (1986), os estudos qualitativos permitem iluminar o

dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo, ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes.

### ALGUNS DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

No contexto histórico mundial, a primeira escola de Serviço Social tem origem nos Estados Unidos. Segundo Martinelli (2001), as primeiras escolas advêm da influência da *Sociedade de Organização da Caridade*, que, por sua vez, emerge no final do século XIX da aliança da alta burguesia inglesa, com a Igreja e com o Estado. Nos Estados Unidos, “Mary Richmond, da Sociedade de Organização da Caridade de Baltimore, exerceu importante papel” (Martinelli, 2001, p. 106). Conforme a autora, mesmo não sendo burguesa, tinha grande prestígio na referida Sociedade, e, assim, levou Edward Devine (secretário de Sociedade de Organização da Caridade de Nova Iorque) a promover, em 1898, um curso que visava à aprendizagem da ação social “ou, como queria Richmond, à *aprendizagem da aplicação científica da filantropia*” (Martinelli, 2001, p. 106). A autora explica, que, a fim de “racionalizar” a prática da assistência no século XIX, tal curso acaba dando origem a criação da primeira Escola de Serviço Social no mundo, que recebera o nome de “Escola de Filantropia Aplicada”, e, no ano seguinte, 1899, foi fundada a primeira Escola de Serviço Social na Europa, em Amsterdã/Holanda.

Nesse mesmo ano, Alice Salomon iniciou em Berlim cursos para agentes sociais, que acabaram por dar origem a primeira escola alemã em 1908. (...) A “questão social” encontrava-se em plena efervescência em um mundo que se preparava para as grandes guerras mundiais, para a Revolução Russa e tantos outros embates que marcariam o século XX. (...) Em 1908, fundou-se na Inglaterra a primeira escola de Serviço Social, não ainda com esta denominação, porém já incorporada à Universidade de Birmingham (Martinelli, 2001, 107).

Ainda conforme a autora, em 1911 é criada a escola de Paris, de viés católico, e em 1913 outra escola em Paris, sendo de orientação protestante, e em 1919 a “Escola de Filantropia Aplicada” (aqui já mencionada como a primeira Escola de Serviço Social no mundo) se incorpora a Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Em 1920 nasce nos EUA a Associação Nacional de trabalhadores Sociais. Enquanto nos EUA as profissionais se ancoravam no viés evangélico, na Europa focavam-se na hegemonia do pensamento católico, por isso em 1925 emerge a União Católica Internacional de Serviço Social (UCISS).

Martinelli (2001) explica que a lógica pedagógica dessas escolas, de “racionalizar a assistência”, pautava-se em “resolver” problemas de caráter do indivíduo, reforma e reintegração, educação familiar, educação e saúde, higiene e saúde, a fim de combater um perigo social iminente, o comunismo.

Vale lembrar, que a origem dessas escolas não explica a gênese do Serviço Social como profissão. De acordo com Montañó (2000), existe duas teses sobre a origem do Serviço Social, uma que já foi superada, que acreditava que a profissão surge como um avanço da filantropia, e a outra, que é a que está em vigor nas nossas matrizes curriculares atuais, de que a nossa profissão surge da relação capital-trabalho. Porque o que deve ser questionado é: O que deu origem a essas escolas? Qual a raiz do problema? Porque se precisa de profissionais nessa área social? E é aí que temos no Brasil, a tese Marilda Villela Yamamoto nos anos de 1980, explicando o significado dessa profissão na sociedade capitalista, que vem para atuar nas variadas expressões da “questão social” na divisão social e técnica do trabalho. Mas a questão aqui são as escolas e por isso nos detemos na história delas, porém, sem perder de vista sua inserção no contexto da totalidade social.

Na América Latina, Castro (1984) afirma que a primeira escola de Serviço Social foi fundada no Chile, em 1925, seguido do Brasil, em 1936, e do Peru, em 1937. No Brasil, as primeiras escolas de Serviço Social deitam raízes na região Sudeste, a partir de cursos promovidos pela Igreja Católica. Aguiar (1995, p. 29) afirma que “muitas delas nascem de grupos que participaram dos cursos de formação social e das semanas sociais. Entre elas, as de São Paulo, Rio de Janeiro, Natal e Porto Alegre”.

Assim como Martinelli (2001), Aguiar (1995) vai apontar a preocupação da Igreja Católica com o comunismo e o liberalismo, pois ambos eram vistos como responsáveis pela época de crise e decadência cristã. As famosas encíclicas papais, *Rerum Novarum* (do Papa Leão XIII em 1891) e a *Quadragesimo Anno* (do Papa Pio XI em 1931) estimulam a ação do Estado frente a solução para o “problema operário”. Daí a Ação Católica ter como missão “a divulgação da doutrina da Igreja em vista à reforma social” (Aguiar, 1995, p. 20) e, conseqüentemente, a necessidade do Assistente Social para combater os “desajustamentos individuais e coletivos”.

Com o avanço histórico do curso de Serviço Social, de suas diretrizes curriculares e profissionais, que vão desde a superação do arranjo teórico-doutrinário cristão franco-belga (erosão do Serviço Social tradicional), passando pelas correntes teóricas do positivismo, da

fenomenologia até chegar ao Materialismo Histórico-Dialético. Desde a elaboração e reelaboração dos 05 códigos de ética da profissão (de 1947, 1965, 1975, 1986 e, o atual, de 1993) no decorrer de sua trajetória, seguindo no rumo do Movimento de Reconceituação Latino Americano (1965-1970) e do Movimento de Renovação Brasileiro (1967-1979), até chegarmos as atuais Diretrizes Curriculares de 1996, o curso de Serviço Social viveu muitas lutas e conquistas, ainda que saibamos, que muito das tradições religiosas ainda compõe o perfil da maioria dos nossos estudantes de graduação, principalmente na região Nordeste.

### DA APROXIMAÇÃO AO ACERVO DOCUMENTAL E AOS RESULTADOS INESPERADOS

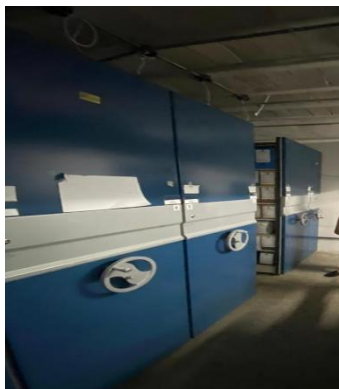
Os acervos documentais e bibliográficos são um verdadeiro espaço produtor de conhecimento. E as universidades são lócus carregados desses ricos acervos, muitos deles sem organização e tratamento (catalogação), dada a grande quantidade dos seus arquivos. Segundo Miranda, Freire, Silva, *et al.* (2022, p. 01), “Os documentos de arquivos universitários trazem em seu escopo não só a memória histórica e cultural como também o caráter científico, em virtude da universidade ser um celeiro de pesquisa que proporciona o desenvolvimento científico e tecnológico”.

**Figura 1 – Entrada do Arquivo Setorial do CCHLA/UEPB**



Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora da pesquisa, João Pessoa (2022).

**Figura 2 – Parte interna do Arquivo**



Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora da pesquisa, João Pessoa (2022).

Após o primeiro ano de investigação dentro do Arquivo Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA/UFPB, o grupo de pesquisa concluiu o levantamento, a identificação, a organização e a tipificação de 4.172 documentos. Com mais dois anos realizou a digitalização, catalogação, sistematização e categorização temática dos 383 que interessavam ao estudo. Como dito na introdução, foi possível verificar que, pela natureza dos documentos, era um campo vasto e inexplorado, e de uma importância histórica significativa para o Serviço Social do nosso estado. Os documentos encontrados contam a história da primeira Escola de Serviço Social na Paraíba (ESS/PB) até sua extinção, e a abertura do curso na Universidade Federal da Paraíba.

**Figura 3 – A equipe iniciando a abertura da 1º caixa**



Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora da pesquisa, João Pessoa (2022).

**Figura 4 – A emoção de encontrar os documentos**



Fonte: Arquivo pessoal da coordenadora da pesquisa, João Pessoa (2022).

Os 383 documentos selecionados foram sistematizados em 4 grandes eixos temáticos (Quadro 1), os quais foram divididos em pastas com temas específicos para uma melhor organização.

**Quadro 1 – Sistematização temática geral das fontes documentais em quatro eixos**

Nº	EIXOS TEMÁTICOS	Quantidade de pastas com temas específicos	Quantidade de Documentos nas pastas com temas específicos
1	Escola de Serviço Social (ESS)	25	323
2	Incorporação da ESS à UFPB	6	14
3	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	8	29
4	Temas Transversais	4	17
<b>TOTAL</b>	4	43	383

Fonte: Relatório de pibic de Guedes (2023).

Os 4 grandes eixos apresentados no quadro 01 visam contar a história do curso de Serviço Social da UFPB a partir das suas raízes, ou seja, da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba – ESS/PB, desde a fundação e desenvolvimento desta, até a sua crise e transição para seu fechamento e abertura do curso na UFPB. Conforme o quadro acima, os eixos foram sistematizados em 04 grandes pastas do nosso drive, e subdivididos em 43 pastas com temas específicos, sendo 25 pastas referentes ao eixo 01 (Escola de Serviço Social - ESS), 06 pastas referentes ao eixo 02 (Incorporação da ESS à UFPB), 08 pastas referentes ao eixo 03 (Universidade Federal da Paraíba - UFPB) e 04 pastas referentes ao eixo 04 (Temas Transversais). O primeiro eixo com 323 documentos, o segundo com 14, o terceiro com 29 e o

quarto e último com 17, o que somatiza um total de 383 documentos agrupados em 43 pastas no drive do Gepedupss.

Machado (2022) explica que o primeiro curso de Serviço Social do estado da Paraíba teve origem no dia 20 de julho de 1951, na cidade de João Pessoa-PB, sendo solenemente inaugurado em 19 de março de 1952, registrando matrícula de 34 alunas. O curso nasce por iniciativa da assistente social e madre Maria Franklin de Andrade, da *Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado*, reconhecida juridicamente como *Sociedade Feminina de Instrução e Caridade*, (vinculada à Igreja Católica, com sede em Campinas-SP) que funda a primeira escola da área de Serviço Social no nosso estado. A Escola, de domínio privado, seria então denominada “Escola de Serviço Social da Paraíba”, tendo como diretora a própria madre Maria Franklin de Andrade. Conforme o relatório da pibic:

[...] em um questionário em que a administração da escola responde ao SESC, podemos constatar que as fundadoras foram Madre Maria Durvalina Braz Bastos e Maria Franklin de Andrade. A diretoria da escola era assim composta: Presidente: Madre Adília Alves Coelho, Diretora: Irmã Maria Franklin de Andrade e Vice Diretora: Irmã Alda de Carvalho. A duração do curso era de 3 anos sendo que cada série era em um ano. A escola tinha capacidade para 55 alunas distribuídas nas três séries. A época, em 1954, a escola tinha 11 alunas no primeiro ano, 8 alunas no segundo ano e 11 alunas no terceiro ano. (Guedes, 2023, p. 13).

No que se refere as suas sedes, cabe observar que antes do curso de Serviço Social funcionar na UFPB, no período da Escola (1951-1972) passou por três endereços: 1) sede inicial, na Casa do Calvário/antigo Mosteiro de São Bento, na rua General Osório s/n, onde passou 09 anos (1952-1960); 2) sede provisória, na rua Almirante Barroso, nº 234, aí permaneceu durante 03 anos (1961-1964); 3) E sede definitiva, na Av. Castro Alves, atual, Av. Cor. João Luiz Ribeiro de Moraes, nº 279, deliberada através da Lei nº 2.574 de 8 de novembro de 1961. Esse último endereço funcionou 9 anos, de 18 de agosto de 1963 até o ano de 1972.

De acordo com o relatório mais atual da pibic Guedes (2024), o curso tinha duração de 3 anos, onde, as alunas tinham aulas tanto específicas do Serviço Social quanto de outras áreas do conhecimento como: Filosofia, Saúde, Psicologia e Direito. Nos dois primeiros anos elas tinham que cumprir a carga horária de matérias pré-determinadas, mas no terceiro, e último ano do curso, as alunas passavam a poder escolher também dentre algumas disciplinas do regime optativo que se dividiam em 5 (cinco) setores, sendo eles: setor de família, setor de menores, setor médico-social, setor do trabalho e setor rural. Além disso, tinham que cumprir uma carga horária total de 1000 (mil) horas de estágios práticos durante todo o curso, sendo,

200 (duzentas) horas no 1º ano, 350 (trezentos e cinquenta) horas no 2º ano e 500 (quinhentas) horas no 3º ano. Os estágios se davam, em sua maioria, em obras sociais de natureza pública e privada distribuídas pela cidade de João Pessoa e tinham como foco o desenvolvimento de habilidades voltadas ao Serviço Social de Caso, Grupo e Comunidade.

Em 2025 os bolsistas de pibic e discentes voluntários retornaram ao Arquivo Setorial do CCHLA para novas buscas e encontraram algo inédito, que em 03 anos de investigação ainda não tínhamos tido acesso, 08 fotografias inéditas e vários recortes de jornal arquivados de modo muito organizado pela Escola em uma espécie de Livro de memórias da instituição.

**Figura 5 – Sala da Diretoria, Biblioteca e Sala de aula da ESS/PB**



Fonte: Arquivo Setorial do CCHLA/UFPB. Montagem feita pelas autoras (2025).

O Relatório do encerramento da Escola de Serviço Social da Paraíba (1972) traz uma síntese do histórico da escola e as principais ações desenvolvidas entre os anos de 1952-1972. O documento destaca várias datas históricas, dentre elas: que em 1954 a escola se filiou à ABESS (Associação Brasil de Escolas de Serviço Social), em 1955 se filiou à UCISS (União Católica de Serviço Social – Bruxelas/Bélgica), em 1956 foi agregada à Universidade da Paraíba - UPB, por meio do Decreto número 40.160 de 16 de outubro de 1956, e em 1960 o curso é federalizado, sendo a Escola agregada à Universidade Federal da Paraíba - UFPB através da Lei nº 3.835 de 13 de dezembro de 1960. Assim, a Escola sai da condição de isolada para condição de agregada.



De acordo com o que foi encontrado até o momento, pode-se definir as seguintes fases no desenvolvimento do curso de Serviço Social no município de João Pessoa: 1ª fase: 1951 a 1959 – Criação da ESS\_PB, agregação a UPB. 2ª fase: 1960 a 1970 – ESS\_PB agregada a UFPB, crises financeiras e extinção gradual. 3ª fase: 1971 a 1972 – Últimas turmas da ESS\_PB 4ª fase: 1970 a 1979 – Criação do curso de Serviço Social na UFPB e início da primeira turma, em 1970.

Contudo, o relatório parcial do bolsista pibic, Montenegro (2025), informa que a Resolução nº 08, de 17 de outubro de 1969, de criação do Curso de Serviço Social na UFPB, assinada pelo reitor Guilardo Martins Alves, emerge vinculada ao Instituto Central de Filosofia de Ciência Humanas - ICFCH, localizado no Centro de João Pessoa. Atualmente, no local funciona a escola ECIT Prof.ª Olivina Olívia Carneiro da Cunha. O documento revela que em 1967 o Conselho Federal de Educação rejeitou, por meio do Parecer nº 429/67, a solicitação da Escola de federalizar seu curso “sob a alegação expressa de que a Escola de Serviço Social não pode ser federalizada em nome da reestruturação, pouco importando se em algum momento ela já teve condições de pertencer à Universidade”. Entretanto, o mesmo parecer alega que isso não impede que se crie um curso profissional. Assim, a UFPB cria um novo curso de Serviço Social no município de João Pessoa, público e laico, que teve o início da sua primeira turma em 1970, ano seguinte à Resolução nº 08/69, ficando estabelecido a extinção paulatina do convênio de agregação da Escola de Serviço Social da Paraíba - ESS/PB, que gradualmente encerrou suas atividades em 1972. O que significa que durante dois anos ambos os cursos funcionaram simultaneamente na cidade de João Pessoa-PB.

A criação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB ocorreu em 2 de dezembro de 1955, que possibilitou a reunião de faculdades e de escolas superiores existentes na Paraíba, até então sob a égide do governo estadual. Dessa forma, a UFPB foi federalizada em 13 de dezembro de 1960. Na década de 1970, no reitorado de Lyncaldo Cavalcanti de Albuquerque, a UFPB ampliou a sua atuação absorvendo outras instituições de ensino superior existentes no estado da Paraíba, oficializando a sua composição com sete campi, instalados em diversas microrregiões, além de implementar a reforma cêntrica, iniciada pelo reitorado anterior. Nesse período, ocorreu uma ampliação do seu corpo docente com a vinda de profissionais de outras regiões do país, para atender a implementação de novos cursos de graduação e de pós-graduação, e a criação de laboratórios e núcleos de pesquisa e extensão vitais para o desenvolvimento local e regional. (Miranda, Freire, Silva, *et al.*, 2022, p. 01).

Muitas docentes divulgam que quando o curso de graduação em Serviço Social é implantado na UFPB se inicia sem um Departamento de Serviço Social e por isso o corpo

docente era chefiado pelo Departamento de Ciências Sociais. Só mais tarde contaria com seu próprio Departamento. Mas não foi achado evidências documentais dessas informações. Muitos documentos foram perdidos com o tempo, e, após a conjuntura de ditadura civil militar, o curso de Serviço Social da UFPB ainda trilharia um longo caminho até apresentar um Projeto Político Pedagógico crítico do sistema capitalista e de todas as injustiças sociais promovidas por este.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tem buscado recuperar informações perdidas. Fávero e Motta (2016, p. 13) entendem “fazer pesquisa como um processo contínuo e sempre inacabado”. De acordo com os autores, estudos que buscam recuperar e disponibilizar memórias também ajudam a construir a história, principalmente quando a história que se pretende recuperar não está escrita nos livros e demais produções da área.

Diante do exposto, a intenção ao propor um estudo acerca da história e memória da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba ao processo de implantação do Curso de Serviço Social na UFPB, é contribuir com os estudos e pesquisas dos discentes e docentes do grupo Gepedupss (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais) e, ao mesmo tempo, com a recuperação e publicização da história e memória do curso de Graduação em Serviço Social da UFPB, bem como, com os debates, as pesquisas e os estudos sobre o Curso de Serviço Social nas demais universidades brasileiras, seja de natureza institucional pública ou privada, sobretudo por percebermos que há muitas lacunas e muito a ser dito por aqueles que fundaram, registraram, construíram e reconstruíram os Cursos de Serviço Social no nosso país. E como muitos desses sujeitos sociais já se foram, os documentos que construíram ao longo da história expressam, se não plenamente, ao menos dão indícios do que defendiam e tinham a dizer.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Antonio Geraldo de. **Serviço Social e Filosofia**: das origens à Araxá. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

ALMEIDA, Bernadete de Lourdes Figueiredo. Trajetória do Serviço Social na Paraíba. *In*: MOTA, Ana Elisabete; VIEIRA, Ana Cristina; AMARAL, Angela. (Org.) **Serviço Social no Nordeste**: das origens a renovação. São Paulo: Cortez, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BODGAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BORON, Atílio Alberto. Aula inaugural: pelo necessário (e demorado) retorno ao marxismo. *In*: BORON, Atílio Alberto; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina. (Org.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

CASTRO, Manuel Manrique. **História do Serviço Social na América Latina**. Tradução de José Paulo Netto e Balkys Villalobos. São Paulo: Cortez, 1984.

CORREIA, Maria Ivete Martins. **Educação católica, gênero e identidades: o Colégio Santa Rita de Areia na história da educação paraibana**. 2010. 366 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

FÁVERO, Osmar; MOTTA, Elisa. Educação popular e educação de jovens e adultos: memória e história. **VIII Seminário Nacional do Centro de Memória – Unicamp**. Campinas, 2016. Disponível em: <https://www.cmu.unicamp.br/viiieminario/wp-content/uploads/2017/05/Educa%C3%A7%C3%A3o-popular-e-educa%C3%A7%C3%A3o-de-jovens-e-adultos-mem%C3%B3ria-e-hist%C3%B3ria-OSMAR-F%C3%81VERO-ELISA-MOTTA.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2022.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. *In*: FAZENDA, Ivani. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOIN, Marileia; FERNANDES, Laryssa Danielly Silva; OLIVEIRA, Ariel Paula Jesus de. Serviço Social no Nordeste Brasileiro: particularidades regionais e formação profissional. **Revista Libertas**. Juiz de Fora, v. 21, n.2, p. 452-473, jul./dez. 2021. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/43536/1/ARTIGO\\_ServicoSocialNordeste.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/43536/1/ARTIGO_ServicoSocialNordeste.pdf). Acesso em 10 mai. 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Edição crítica de V. Gerratana. Turim: Einaudi, 1975.

GUEDES, Sílvia Larissa da S. Identificação e sistematização temática dos documentos de implantação do curso de Serviço Social na UFPB. **Relatório Final de Iniciação Científica 2023-2024 do Projeto SERVIÇO SOCIAL, HISTÓRIA E MEMÓRIA: da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba ao processo de implantação do Curso de Serviço**

**Social na UFPB (1951-1972).** Coordenado pela docente Aline Maria Batista Machado. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPQ/UFPB. João Pessoa, 2024.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil:** esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

IANNI, Otávio. A crise de paradigmas na sociologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** nº 13. São Paulo, 1990.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social:** elementos para uma análise marxista. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço social:** identidade e alienação. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política.** Tradução de Edgard Malagodi. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. vol. 1. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MIRANDA, Celio Roberto Freire de; FREIRE, Isabel Cristina Lourenço; SILVA, Michele da. **Organização e tratamento do acervo documental para a preservação da memória institucional da UFPB.** Disponível em:  
<http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/2PRACCOEXPROBEX2012724.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2022.

MONTAÑO, Carlos. **La naturaleza del servicio social:** um ensayo sobre su génesis, su especificidade y su reproducción. Traducción de Alejandra Pastorini. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MONTENEGRO, Lucas Lucena Barbosa. Análise dos documentos referentes a agregação da Escola de Serviço Social da Paraíba à UPB e implantação do Curso de Serviço Social na UFPB. **Relatório Parcial de Iniciação Científica 2024-2025 do Projeto SERVIÇO SOCIAL, HISTÓRIA E MEMÓRIA: da primeira Escola de Serviço Social da Paraíba ao processo de implantação do Curso de Serviço Social na UFPB (1951-1972).** Coordenado pela docente Aline Maria Batista Machado. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPQ/UFPB. João Pessoa, 2025.

MONTENEGRO, Maria Eleusa. **A psicologia histórico-dialética para cursos de licenciatura.** Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas, 1993.

PELEGRINO, Analice de Miranda. **Depoimento cedido ao DOCUMENTÁRIO “OS 60 ANOS DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL NA PARAÍBA (1952-2012)”**.

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFPB (Org.). Apoio técnico: INCUBES/PRAC/UFPB. João Pessoa, 2013.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spinola Silveira Truzzi. **História & documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. 2 ed. Tradução de Luiz F. Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\*\*\*

Artigo recebido em novembro de 2025. Aprovado em dezembro de 2025.